

ANDRÉA DEL FUEGO

As miniaturas

Este livro foi selecionado pelo Programa Petrobras Cultural



PETROBRAS

Ministério da
Cultura



Copyright © 2013 by Andréa del Fuego

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Kiko Farkas e Thiago Lacaz/ Máquina Estúdio

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Ana Luiza Couto

Huendel Viana

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Del Fuego, Andréa

As miniaturas / Andréa Del Fuego. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2013.

1. Romance brasileiro I. Título.

13-06839

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

oneiro

O Edifício Midoro Filho fica no Centro.

Minha função é simples e trato direto com o público. Quando fui estagiário, o serviço era entregar as miniaturas ao oneiro. Nessa época eu podia escolher uma entre as dez que ficavam na gaveta: dinossauro, livro, escada, cobra, calculadora, carro, fechadura, sapato, corneta e uma abelha. Miniaturas escuras, com brilho de plástico novo.

O oneiro me dirigiu a mão para testar minha pertinência, entreguei a miniatura e ele a exibiu na cara de um sujeito sentado numa cadeira, boca e olhos fechados, o globo ocular dançando. Arrisquei a fechadura. Na sequência a abelha e a cobra. Os olhos foram se acalmando, levantou-se sozinho e saiu.

Isso havia sido um teste, o oneiro pediu que eu assinasse um papel e me encaminhou para a sala ao lado, eu estava sendo promovido. Hoje sou um oneiro, posso trabalhar sozinho, sem pitaço. Sala quadrada, teto branco, parede cinza, chão de lajota fria. Quanto mais rápido o serviço, mais pessoas atendemos, aumentando a diversidade de miniaturas na gaveta, significa mais letras

do alfabeto para trabalhar. É uma vantagem, você pode ir mais longe, embora ficar numa só letra também renda: padeiro, palha, pão, prisão, paraquedas, pavão, peixe, ponte, praia, porta, punhal, procissão, pombo. Já insisti muito no M: mar, maçã, montanha, monstro, muro, monge, muleta e moeda.

O Edifício sugere o sonho usando o próprio, assim como a gramática usa palavra para falar da frase. Minha sala tem uma mesa estreita, cadeira onde me sento e outra na frente onde o sonhante se ajeita. O cara abre a porta sem dizer um a, agem sempre da mesma forma. Um dia perguntei ao gerente por que não deitávamos os sonhantes, já que seria uma posição mais confortável. Ele respondeu que eu cuidasse da minha parte.

Na minha gaveta há dezenas de miniaturas, sozinhas elas não funcionam, há o comando de voz, é preciso que eu diga uma frase-chave. Não se escolhe quem é atendido, o Edifício Midoro Filho faz uma triagem inicial. Calhou que eu atendesse uma mãe e seu filho, separadamente, é claro. Atendia a mãe uma vez por semana, o filho aparecia sempre.

A primeira frase que disse à mãe foi “casa com três janelas”.

— Casa da minha avó? — ela respondeu com a perna esticada, o olho espremido dentro da cara.

— Positivo — confirmei.

— Entro pela janela?

— Positivo.

— Por dentro ela é maior do que parece.

— Positivo.

A cada confirmação, um degrau adiante. O trabalho com essa mãe é mínimo. Já com o filho preciso falar mais, sou obrigado a indicar todo o roteiro.

— Um copo — sugiro.

— E?

— Veja o que há nele.

— Nada.

— Coloque pedra de gelo — indico.

— Pedra?

Se o cara não conhece pedra, fica difícil. Sabe-se, pelos corredores, que doenças determinam os mesmos traços na família. Um herda o tom do outro, uma espécie de embrião de samambaia enfiado na terrinha da cabeça. Então é possível que ele alcance a mãe na agilidade. A conferir.

Lembro de cada um que passa nessa sala, consulto-me por um índice mental. Basta um substantivo e a informação corre numa esteira. Relaciono a frase à pessoa, posso descrever os corpos que sentaram na minha frente. Embora imóveis, ninguém está parado, há uma concentração que faria fogo.

Não temos acesso ao histórico de cada sonhante. Se bem que, com alguma observação em sala, eu faria um longo perfil, mas isso que vemos são frestinhas, nunca um dado é completo.

Há uma biblioteca, ela abriga catálogos de miniaturas já produzidas. Está tudo lá, são arquivadas informações saídas dos relatórios que enviamos aos bibliotecários. Dados obtidos pelas respostas dos sonhantes às frases-chave ditas por nós em sala. Os relatórios são feitos a partir delas e novas miniaturas são geradas. Não é preciso anotar assim que o sonhante sai da sala, temos memória larga. Eu, por exemplo, faço quinzenalmente. A biblioteca não possui livros explicativos, é só um inventário.

Logo que Napoleão Bonaparte morreu, nos foi permitido oferecer sua imagem aos sonhantes. A miniatura era seu chapéu. No caso de uma figura coletiva, seus dados não são mais preservados, pudemos conhecer seu relatório: um rato, um bule, um obelisco egípcio. Já na meia-idade, os dados descreviam uma mulher pedinte, metade de um pão, jornal com a tinta desgastada, um cobertor fino e uma observação: ver sonhos de sua mãe.

Em frente ao Edifício Midoro Filho dorme um casal, vejo

daqui as pernas de um sobre o outro, mal anoitece eles tomam banho na fonte da praça que está desligada, com água velha. De vez em quando olham para cá, parece que vão falar comigo, mas, sendo o Edifício espelhado, estão é vendo se vai ou não chover pelo reflexo das nuvens. Gosto de olhar pela janela, ver as pessoas passando lá embaixo, cruzando a praça, entrando na catedral, outras fazendo xixi na grama, gente vendendo uma calça jeans que achou no lixo, zelador de prédio comendo milho cozido.

Nunca me apeguei a nenhum sonhante, até que mãe e filho apareceram. O problema é o parentesco, fiquei intrigado com a corda entre eles. Cortar esse vínculo entre os dois foi minha primeira vontade, mas quebrar a relação não tiraria a semelhança dos rostos. Sexo e idade distintos em duas caras, sendo que uma era causa da outra. Como o Edifício Midoro Filho não permite que um oneiro atenda duas pessoas da mesma família, ser testemunha dessa falha me deixou irritado. Na última vez que estive com a mãe, perdi a concentração.

- Um relógio — propus.
- Que tamanho?
- Um que cubra dois punhos.
- É uma gorda?
- Uma gorda — confirmei.

mãe

Essa noite sonhei com um relógio que tinha bichos no lugar dos números. Diz que a gente sonha com o que precisa, para taxista o relógio comanda, cobro por tempo, é um café logo de saída. Não trabalho em ponto fixo, rodo pela cidade. É bom escolher um bairro, as pessoas gostam de repetir o mesmo táxi, pegam confiança. Quando olham para uma mulher com aparência de cinquenta anos, embora eu tenha bem menos, acham que vou devagar e lucro com isso. Vou mesmo. Se pedirem para correr, eu corro, só não ter ninguém na frente. Acordo todo dia antes do Gilsinho, quando o moleque se levanta eu já fiz duas corridas.

Não fosse esse menino com dezesseis anos debaixo da minha saia, eu saía por aí. Não é brincadeira o garoto vagando em torno de mim. Enquanto Ademar não aparece, a gente fica em suspensão, vai minando o impulso. Para ser sincera, ia ser bom tocar a vida sem Ademar.

Quando meu filho nasceu, Ademar entrou na empresa como técnico em eletrônica, eu fiquei em casa cuidando do Gilsinho.

nho. Ele comia macarrão em tigela de plástico infantil até outro dia, podia ser meu marido, no sentido da companhia dócil. Mas não é, e quer comer e comprar tênis, sair com uma turma grande, tem um que mora tão longe que de vez em quando dorme aqui. Não gosto dele, na verdade não gosto da mãe dele, que não conhece o filho que pariu, deixa a criança de quinze anos dormir longe do berço. Esse garoto também podia ser meu marido, no sentido de um quarto com luz apagada e coisas acontecendo.

Ademar, e se eu contar para o Gilsinho que você não está internado no hospital sem poder receber visita? E se eu contar que você se recuperou e foi embora? Nem tua mãe tem coragem de dizer a verdade para o neto. Sorte sua que Gilsinho é obediente e não recebeu a minha parte da herança genética, na qual caem mechas de cabelo quando é contestado. Hoje foi o último dia que falei seu nome, vou dizer mais uma vez para nunca mais: Ademar.

Botei Gilsinho no colégio técnico de publicidade, vai ser bom para ele. O menino vai trabalhar para jornal, revista, fazer cartaz. Dezesesseis anos é idade boa para um filho, quando a mãe tem quarenta e dois. Vivi vinte e seis anos sem ele.

Acordo às cinco e o moleque está sonhando, não o acordo, boto café pronto e roupa limpa na beira da cama. Ontem peguei uma senhora no Centro, ela ia para a avenida Paulista.

— Vou ficar na metade da avenida, esqueci o número.

— Pode deixar, meio da Paulista é fácil.

— A senhora é taxista faz tempo?

— Assim que meu filho começou a falar, entrei na praça.

— Vou levar comida para o meu filho, faz dois anos que enterrei meu gato no Trianon, paguei para um menino fazer porque minha coluna tá ruim. Botei nome de filho no gato, é um filho mais econômico e você já sabe que vai morrer antes, o drama é menor, porque filho morre, quanta gente não morre jovem? Faz

a conta. Seu filho já morreu, minha senhora? Você pode virar nessa que dá certo, esse trânsito. Levo ração pro meu filho. Deixo na beira da árvore, onde ficou o corpo dele. Acho que todo mundo tem que ter alguém para enterrar e visitar depois. Eu matei meu filho no dia 3 de janeiro, choveu muito. Dei veneno, ele teve convulsão, joguei uma mala pesada em cima para acelerar o processo. Sofrer não pode, mas morrer é normal. Tem uma frescura morrer agora, é derrota, é fracasso.

— Aqui tá bom?

— A senhora faça a volta, quero ficar bem na porta, não quero atravessar a avenida.

Depois de ela sair, entrou um senhor de paletó apertado, perdi que eu o deixasse no correio da Vila Mariana. Olhei pelo retrovisor, ele chorava miudinho. Um homem grande, esmagado na roupa estreita.

— O senhor aceita um lenço?

— Por favor.

Peguei no porta-luvas e estiquei o braço para trás. O farol ficou vermelho bem perto do destino. O carro é de quatro portas, o passageiro abriu a porta e foi embora, sem pagar, falar, agradecer. De vez em quando levo esses sustos. Sem problema, final do dia Gilsinho tem sua comida pronta que eu levo do supermercado. Há dia que eu chego e ele já está na cama de velho, entro no banheiro, deixo a água quente levar o dia. Tô pensando em vender refrigerante e cerveja dentro do táxi. Boto um isopor com gelo e umas latinhas, quem não vai aceitar? Comida é complicado, que pode vencer e o passageiro passar mal, tem passageiro que anota a placa do táxi. Um dia um cara entrou e já foi dizendo a minha.

— Já falo que é para o motorista saber que posso denunciá-lo se fizer gracinha.

Não falei nada, mas, nesse caso, um taxista encardido o ma-

taria e a denúncia estaria cortada. Problema seria onde colocar o corpo do passageiro. Fosse comigo, acho que eu esfaquearia de lado, ele ia parecer desacordado, entraria num estacionamento de shopping, deitaria o corpo no banco de trás. A gente tem que ter sempre uma toalha no porta-malas. Depois o deixaria no Trianon, perto do filho da velha. Boa. Seria melhor picotar o passageiro, mas aí não tenho coragem, teria que chamar alguém para terminar. Tem um açougueiro perto de casa que usa cordão de umbanda, ouve música clássica e tem uma Nossa Senhora em cima da geladeira. O açogue é mais limpo que hospital, tá alguém que eu chamaria.

Eu nunca tive uma multa de trânsito, ando na linha, disciplinada. Meu carro tem a licença, tenho os documentos certos. Sou a segunda motorista registrada no alvará, o primeiro é o pai do Gilsinho. O alvará é concedido pela Prefeitura, mas ele comprou por uma fortuna, quem vendeu foi um primo dele que atropelou uma moça e desistiu do volante. O alvará permite que eu trabalhe em ponto fixo no melhor endereço da cidade, no Centro. Mas não fico, não gosto de ficar em fila de carro, sempre na minha vez o passageiro quer um táxi para chegar até o metrô mais próximo. Na vez do motorista de trás a viagem é para regiões distantes, corrida grande. Parada eu não tenho sorte, então rodo até anoitecer.

Conheço muita esposa de cinquentão que está revezando com o marido no táxi, a mulher lava o ponto de manhã, bota vaso de planta, passa flanela no banco, álcool no telefone, estica a capa do guia de rua, falta só cortar a unha do cara. Meu negócio é circular. Tenho faro bom para pegar passageiro com pressa, eles esquecem coisas. Tenho um cofre pesado com as moedas que encontro no tapete. Maço de cigarro, grampo. Pasta com documento, carteira, eu devolvo, mas antes olho os documentos para saber quem é a pessoa. Um dia devolvi os documentos de

um dono de pizzaria, cheguei em casa com uma de calabresa e outra de queijo com cebola. O Gilsinho precisa achar um rumo assim, com o público, trabalhar com gente, mas não por muito tempo com cada um, mas pelo tempo de uma corrida. Curso de propaganda está caro e até que ele arrume um serviço vai demorar. A não ser que eu o leve comigo no táxi para ir fazendo contato com algum cliente promissor. Iam recusar o táxi, achando que é quadrilha.

— Bom dia, a senhora é da área da propaganda? Esse é meu filho, um emprego pra ele ou deixo a madame na divisa da cidade.

Vou arrumar um serviço para o Gilsinho. Ele gosta de mecânica, entende o que acontece na barriga dos carros. Tem a ver com o sonho, vou vender o tempo do Gilsinho, o dinheiro será convertido por ele mesmo para o próprio estudo.

— Gilsinho, sabe o posto da Brigadeiro? Estão precisando de frentista.